

Director-Proprietario e Editor
Ferreira da Silva
Redação, administração,
composição e impressão
Rua de Alportel, 23 27
SEMANARIO INDEPENDENTE
NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

MESSINES OU FARO ?

Especulação e Mentira!

- Honras e proveitos
Messines aplaude

Se o modestissimo homem reco-
hido que foi o grande poeta do
Campo de Flores, podesse ressus-
citar para ver a desenfreada especu-

Para quem, como nós, tem de-
vassado e alumiado todos os meandros
escuros que envolvem a genese
desse monumento, a tentativa
de expolição feita a Messines
é, porém, apenas o seguimento, a
consequencia logica e fatal do que
se tem passado e dos sentimentos
que geram e ditam todos estes aconte-

Recordemos que esta é a segun-
da tentativa de roubo feita a
Messines. A primeira denunciá-
mos nós e ao mesmo tempo a des-
cimos. Foi quando se pretendeu
colocar o busto do poeta sobre o
pedestal do barbeiro, aquele barbeiro
honrado e bom que teve a
coragem de ser grato a quem o
ensinara a trabalhar e a ganhar a
vida praticando o bem, levantando
no pateo da sua casa uma estatua
que devia ser de todos os faren-
ses porque glorificava quem só a
Faro dera exemplos de beleza mo-
ral, de dedicação e de affecto.

É verdade. Estava já tudo pre-
parado para o atentado. Para con-
vencer os resistentes havia projec-
tos, desenhos, memorias, mos-
trando as emendas a fazer e os
trabalhos a executar.

E Messines? Onde ficava Messines?
Ora... Messines... que se
zangasse... ou que se risse... se
quisesse...

De quem é o monumento?
Não é de Messines. É de quem
o arranjou.
Quem o arranjou é que pode
dispor dele.

Já alguém pensou nisto?
E no entanto aqui é que está a
incognita desta pergunta indigna:
—Faro ou Messines?

A ideia de erigir um monumen-
to ao grande poeta na sua terra
natal é uma ideia romantica que
seduziu as almas ingenuas e senti-
mentaes para que ele, pela clara
tinta tão fresca dos seus versos,
pela sua tenacidade em sacudir
das almas as trevas da ignorancia,
anime por vezes o caracter de um
santo cheio de perdão e de ternu-
ra, ensinando a ler e a cantar.

Ha evidentemente por esse paiz
fora, pelas escolas e pelos lares,
um culto a João de Deus, poeta e
mestre escolar que a morte e os
anos só tem aumentado e consa-
grado.

Por isso quando se pediu dinhei-
ro para um monumento a João de
Deus, na sua terra natal, os donati-
vos affluiram sem procurar saber
onde o dinheiro iria parar, se algu-
m tirado branco e cheio de sol
onde todos lhe podessem ver os
movimentos, se a alguma caverna
escura e misteriosa onde se sum-
isse.

Quem recebeu o dinheiro ar-
rou em dono absoluto dele e pas-
sou a fazer falar os jornaes, como
se fosse dele e como se fosse um
Mecenas generosissimo a quem
deu na gana glorificar um dos ho-
mens de letras mais illustres de
Portugal. Não precisamos de re-
citar esses annuncios para justifi-
car esta afirmativa. Todos conhe-
cem esses cynicos e conformaes
eclames pagaveis.

Eles constituem uma das peças
mais claras e concludentes para
demonstrar os sentimentos e as
pretensões ocultas por detras de

toda essa generosidade e admira-
ção apregoada para com a memo-
ria do grande lirico.

Mas o generosissimo glorifica-
dor de João de Deus, que conse-
guira celebrar-se e consagrar-se
nas gazetas, sentia o vacuo em
sua volta. A estatua ia crescendo;
o busto pesava duzentos kilos. E
as pedras? Quanto pesariam? Ele
que não quizera parceiros para
poder com os donativos porque se
julgou com solidez bastante para
bem os manobrar sem testemu-
nhas, sentia que o monumento era
pesado de mais para um homem
só. Iria só coloca-lo em Messines?

Arranjiaria companhia para o inau-
gurar? Era facil arranjar comparsas.
Mas os que ele podia arran-
jar não lhe davam o que preten-
dia porque sem categoria moral,
sem categoria social, sem catego-
ria intelectual, que gente podia ar-
ranjar, contando mesmo com a
vaideade de tantos que se prestam
a figurar em qualquer festanga?
A falta daqueles predicados não
lhe permitia conseguir as pessoas
que precisava para tirar os efectos
e os proveitos que tem em vista.

Para irem a Messines as perso-
nalidades politicas e de destaque
com que ele contava glorificar-se,
as dificuldades eram enormes!
Alojamentos, banquetes, etc.,
constituia coisas que se não po-
dem arranjar por subscrições, nem
por réclames nos jornaes.

Ora se o monumento fosse eri-
gido em Faro, tudo isso quasi
desapareceria e a apoteose far-se-
hia sem dificuldade. E nessa apo-
teose por detras do busto de João
de Deus, e depois dele glorifica-
do, esfumando-se numa atmosfera
de bruma, como nas fitas do cine-
matografo, ele se vê já aparecer
apoteosado tambem, rodeado dos
comparsas altos ou baixos, um su-
pondo que o empalmam, outros
contentando-se com os pingos de
gloria que escorre dos bustos!

É não seria isto o principal fun-
damento de querer tirar a Messi-
nes o que para Messines foi da-
do?
Parece-nos que sim.
Mas parece-nos tambem que a
Messines será feita justiça. Nin-
guem apoiará tal roubo.

Ou ja não haverá juizes neste
paiz!

De Messines recebemos varia
correspondencia e um telegrama
agradecendo a defeza que aqui fi-
zemos do bem que lhe pertence.
Suprehendeu-nos agradavelmente
o facto, confessamos, porque é ra-
rissimo. Em geral quando toma-
mos a defeza de homens dignos
dela ou de interesses legitimos,
ninguém nos agradece. O que é
infalivel nesta profissão é o coize
quando a justiça e a verdade nos
mandam desrespeitar interesses
ilegitimos ou algum membro da
confraria vasta dos mariolas bem
reputados.

É tão vulgar isso que nem nós
nos desviamos dessa linha, não
sentindo respiscencia alguma de
taes actos, nem eles se privam
desse movimento incohercivel da
sua natureza.

Messines não tem que nos agra-
decer.

Nós estamos aqui ao serviço da
justiça e da verdade e Messines
tem pelo seu lado a verdade e a
justiça.

Conde do Cabo de Santa Maria

Missa do 30.º dia

A Ordem Terceira de Nossa Se-
nhora do Monte do Carmo desta ci-
dade manda celebrar ás 9 horas de
terça feira proxima, na sua Igreja,
missa em suffragio da alma do seu
Prior, sr. Conde do Cabo de Santa
Maria.

A vida na America do Norte

Um escritor francez, que acaba
de passar alguns mezes na Ameri-
ca do Norte, resume as suas im-
pressões de observador dedicado
e sagaz, num artigo de jornal po-
pular que nos parece util e inte-
ressante transcrever:

«Tudo na America está organi-
sado para obter do ser humano o
maximo de rendimento com o mi-
nimo de esforço.

O mecanismo da vida está bem
montado e gira sem atritos ruidos-
os. Obter uma communicação te-
lefonica em New York é uma brin-
cadeira e não um trabalho. Por
toda a cidade se encontram repa-
ratições colectivas dos caminhos de
ferro onde em um minuto se obtem
um bilhete e uma cama para se
transportar a qualquer cidade.

As estações são maravilhas de
arquitectura e de precisão.

Parece que o corpo humano é
para o americano um objecto sa-
grado que deve ser tratado em to-
das as circumstancias com verda-
deiro respeito.

O conforto material a que acabo
de referir-me, não é o monopolo
de uma classe. Ha poucas diferen-
ças profundas entre o modo de
vida do operario e do burguez rico.
Tanto um como outro tem o
seu automovel, o seu aparelho de
telefonica sem fios, a sua casa de
banhos, etc.

Na rua é difficil distinguir a pro-
fissão pelo fato. Nada se parece
mais com o pedreiro, que chega
no seu automovel á construcção da
casa onde trabalha, do que o pro-
fessor da Universidade, que desce
do seu para dar a sua lição. Os
creados são raros e são substitui-
dos por uma organização pratica
da casa comum aos burguezes me-
dios e aos trabalhadores manuaes.
Dahi resultam consequencias im-
portantes para a saude moral e
politica do paiz.

Primeiro que tudo o trabalho
merece o respeito de todos. Ne-

nhum trabalho é considerado hu-
milhante. Um estudante pobre
serve á meza aos seus camaradas,
lava os pratos e recebe o salario
que lhe permite continuar os seus
estudos, sem se sentir rebaixado
e sem que os seus camaradas lhe
façam sentir por qualquer forma a
sua situação de inferioridade ma-
terial.

Quasi todos os estudantes du-
rante as ferias procuram aprender
um officio. Assim fez o filho do
general Pershing, que foi o chefe
supremo dos exercitos americanos
em França, trabalhando com me-
cânico de automoveis, como já
aqui tivemos occasião de notar, em
uma garage de Paris.

E assim, vê os a gente durante
as ferias, marinheiros a bordo dos
transatlanticos, canalizadores, cai-
xeiros, etc., durante os mezes das
ferias. E assim se realisa uma
continua amassagem das classes,
fazendo ao mesmo tempo desapa-
recer a inveja.

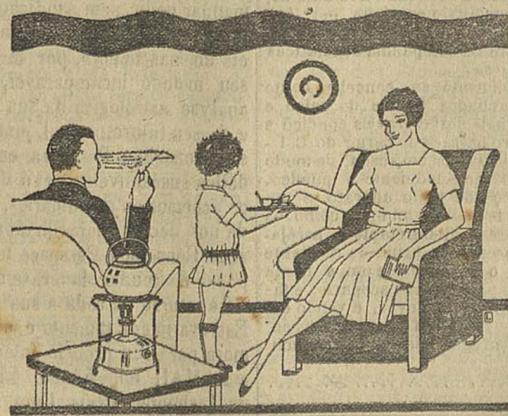
O filho do carpinteiro não tem
odio ao filho do milionario porque
sendo-lhe acessivel pelo seu tra-
balho e pela sua intelligencia todas
as altas situações, pensa que pode
muito bem dar-se o caso de diri-
gir os negocios desse milionario,
o que, de resto, sucederá visto que
a autoridade neste paiz raramente
se transmite.

Neste paiz, a acção social dos
individuos é maior que a do Esta-
do.

As grandes e ricas universida-
des americanas são obra da gen-
erosidade dos cidadãos e especial-
mente dos seus antigos alunos.

O hospital, o muzeu, a materni-
dade em quasi todas as cidades,
são obra da generosidade colecti-
va e mantidos pelas senhoras.

Tudo o testamentario que não con-
tem um donativo para qualquer
dessa obras é considerado como
humilhante para os herdeiros que
nele são contemplados.



EM FAMILIA
A comodidade só é
completa quando o chá é
feito em 5 minutos com o
FOGÃO
VACUUM
VACUUM OIL COMPANY
PETROLEO
SUNFLOWER

Registo das licenças de veiculos

Sr. Director

Sobre os veiculos de qualquer es-
pecie recae agora uma nova contri-
bução;—o registo, no commissariado
de policia, da licença concedida na
camara.

Como é a primeira vez que tal a-
contece, pedia-lhe o favor de dizer-
me, a mim e por ventura a muitos
outros possuidores de carros o arti-
go do decreto, lei ou portaria que
tal determina.

Para satisfazer o nosso antigo
assistante, informaram-nos no Comis-
sariado que o registo das licenças é
obrigatorio pelo que diz o artigo
147 do decreto n.º 4166, de abril de
1918, actualisado nos termos do ar-
tigo 9º da lei n.º 1581 de igual mez
de 1924

Camaras Municipais

A commissão administrativa da
Camara Municipal de Lagos pediu
ao sr. ministro da Agricultura a
concessão duma faixa de terreno,
de 167 568 metros quadrados,
situado na Meia Praia, destinada
á plantação de pinheiros maritimos,
o que melhorará consideravelmen-
te as condições da praia de S.
Roque.

A camara municipal de Olhão
pediu a isenção do pagamento da
contribuição de registo na compra
que vae fazer, de um predio onde
pretende instalar o tribunal judici-
al e outras repartições publicas.

O Algarve vende-se em Faro
na Livraria Santos Capela.

COMO EU VI MARRUCOS

O Pais do Sultão ou o Reino do Extremo Occidente. A mulher
moura simbolo do sofrimento humano: escrava durante o dia
que se torna em paciente concubina para a noite; a sua be-
leza meridional e os seus conhecimentos da arte de agradar.
A morte é uma decisão da vontade de Deus

A Mauritania, que tirou o seu
nome do povo que a habitava, os
«Mauri» ou «Maurusti» (Mouros),
passou no seculo VIII á domina-
ção Arabe, e desde então, é co-
nhecida por Barbaria ou Berberia,
por causa dos berberes, seus primi-
tivos habitantes.

A Barbaria compreende alem
das regências de Tripoli e de Tu-
nis, a Argélia e o actual Império
de Marrucos, conhecido pelos po-
vos indigenas como o Pais do Sul-
tão, e pelos orientais como o Rei-
no do Extremo Occidente (Moghreb-
el-Aksa).

Não nos interessa porém, neste
ligeiro registo de impressões, sa-
ber a historia do pais do Sultão,
tão obscura e confusa, que tem
prendido a atenção dos mais no-
táveis escriptores. Contentamo nos
em saber que esse velho imperio
de lenda e de mistério é a patria
dos mouros ou mohorem—os últi-
mos, os occidentais.

Muito teriamos a contar do que
observamos se não tivéssemos que
abusar da generosidade do leitor,
não só porque Marrocos, a terra
de ninguém e de todos nos oferece
estudos curiosos debaixo do ponto
de vista economico-politico, como
ainda a apreciação do seu povo,
que um dia, levando á frente um
grande chefe, um grande heroi-
pele a intelligencia e valor guerreiro,

— Abd el Krim —, quiz sacudir o
yugo da tirania, olhos fitos no altar
da liberdade.

Quantas coisas correm ainda em
Portugal, de boca em boca, que
nos lembram a passagem dos mou-
ros por estes lugares! São lendas,
são velhas canções, são frases de
amor de um povo, obscuro e qua-
si selvagem, que n'um momento
de loucura, sedento de grandezas
e levando na dianteira a bandeira
do Islam, procurou dominar e
converter o mundo.

Pobre gente, para tão grandes
ambições, e hoje resta-nos apenas
a certeza que existe ainda o seu
delicado sentimento de outras éras,
que as suas mulheres continuam
sendo aqueles entes delicados e
tecidos de harmonias e cultu-
raes, que nos embriagam com a calidez
do seu olhar de magia e a mais
insignificante das suas atitudes de
beleza. E' assim a mulher moura:
bela por natureza, sentimental e
romantica por temperamento da
sua raça essencialmente fatalista,
arrastando a mais triste e doloro-
sa condição! Por isso escrever sobre
a mulher moura, é cantar um
poema de magia, é modular no me-
lhor mármore as formas mais clo-
quentes da graça e encantamento
feminino, é chorar as mais verda-

deiras lágrimas pelo sofrimento
humano! Ou sequestrada no ha-
rem ou na casa de seu marido, se
este é rico, ou condenada aos
mais rudes trabalhos da vida pas-
toril ou domestica, se este é po-
bre, é sempre um instrumento re-
pugnante do prazer, miseravel es-
crava durante o dia, que se torna
em paciente concubina para a
noite. Porém, muito embora for-
çada aos rigores do seu senhor,
repelente e tirano, jamais uma
ruga diminuiu a sua beleza eston-
tante, beleza meridional, que o
rolar dos seculos apura e corri-
ge, tornando mais expressivo o
seu olhar, mais brancos os seus
dentes por detras de uns labios
rubros de sensualidade. A mulher
moura de posse de uma «coquet-
terie» nômade, parece conhecer
de ha muito os mais pequenos de-
talhes da moderna arte de agra-
dar. Usando uma cuidada e per-
fecta «maquillage», apenas pôs de
parte essa infinidade de produ-
ctos dos institutos de beleza, que
enchem o boudoir da mulher eu-
ropêa, para preferirem o seu ha-
rem que lhes escurece as olheiras e
um verniz especial com que pulem
as unhas primorosamente tratadas.

Foi assim que eu vi a mulher
moura ainda mesmo nos mais mo-
destos bairros das mourarias de
Tanger e Tetuan.

Não foi das mais desencanadas e como-
das a minha passagem por terras de Mar-
rucos. Dispondo de curto tempo para
observar as mil surpresas que a cada
passo me proporcionavam os innumeros e
curiosos motivos do ar de Africa, era
naturalmente obrigado a uma vida des-
regrada, de noites e de dias, a anos
e reparáveis. E lembro-me agora que
em Tanger, quando a horas mortas, pela
calada da noite, recolhia do Kursal Fran-
ces, especie de «Cabarets», ao Hotel Ger-
vantes, depois de uma noite de verdadei-
ra boémia europea, um grito agudo e
penetrante cortou os espagos, quebrando
o silencio do noite inensa, para logo ou-
tro e outro grito ainda mais prolongado
se juntar a novos gritos, uns mais distan-
tes, outros mais proximos, que em breve
se transformaram num coro de oração a
Allah. Eram gritos de alegria, gritos de
contentamento pela morte d'um parente.

Sucedeu assim entre os mahometanos:
a morte produz alegria, porque eles re-
goziam-se com ela e não cuidam dos doen-
tes; é que morrer é uma decisão da von-
tade de Deus, e se algum morre é por-
que Allah assim o quiere e determina.

(Continua)

Ramos Bandeira

NO PROXIMO NUMERO:

As 8.000 mulher de Moulay-
Ismail e uma tarde passada
no harem de Moulay-Abd
el-Aziz.

Messines ou Faro?

De toda a provincia inumeras
felicitações e apoio temos recebi-
do pela nossa attitude de inergico
protesto contra a colocação do
monumento a João de Deus em
qualquer outra localidade que
não seja Messines, terra natal do
grande lirico, á qual, desde o
seu inicio, foi destinado.

Tambem o nosso illustre colabo-
rador sr. Lyster Franco, recebeu
do distinto homem de letras e
publicista, sr. Ludovico de Mene-
zes que ao Algarve, onde passou
o melhor tempo da sua mocidade
consagra o mais entranhado
affecto, consoante o demonstra na
sua bela obra literaria, a seguinte
carta que por dizer respeito a tão
melindroso assunto, tomamos a
liberdade de arquivar nestas co-
lunas:

«Meu caro Lyster Franco
O meu inteiro aplauso ao teu

artigo em «O Algarve» ultimo nu-
mero, acerca da colocação do mo-
numento a João de Deus em Mesi-
nes. No mesmo sentido escrevi
algumas linhas que vão ser publi-
cadas em «Terra de Portugal», a
sair por todo o mês de Março
proximo.

P. E. Gostei da tua lembrança
do monumento a D. Francisco
Gomes de Avellar. Levanta a cam-
panha. Tens-me a teu lado.

Lisboa, 29 de Fevereiro

Ludovico de Menezes

Dispensamo-nos fazer quais-
quer comentarios a esta carta
cuja elevada significação é inutil
evidenciar por tratar se de um
grande e desinteressado amigo
do Algarve e que, a cima de todas
as considerações só deseja o des-
envolvimento intelectual e mate-
rial desta nossa linda provincia.
Não abandonaremos o assunto,

Comunicar a Alcapve...
N.º 141 LISBOA

TEATRO

Lena, estimada prima:

Obrigado pelo teu amavel cumprimento. Que queres que faça neste enfado de terra? Não sabes, ha muito, que Lisboa vive simplesmente nos curtos palmos do Chado? Não é de estranhar, pois, que me perca por elle todas as tardes num passeio de escassos minutos. Quem não apparece naquelle bocadinho de rua, entre as 5 e as 7 horas da tarde, é considerado morto. Não a de físico mas a de civil, que é mil vezes pior. Se não houvesse quem se preocupasse connosco e ou zesse vivamente desvendar os pequenos nada da nossa vida, que assunto entreteria a ociosidade que lustra os umbrais da Marquês e da Havanca? Já vês, que se torna necessario este passeio, simplesmente como medida preventiva...

E, de resto, tu sabe-lo tão bem como eu Quando tens um vestido novo ou a necessidade imperiosa de encontrares pessoa conhecida, láias direitinha á Garret, muito tufal e lisongeadas pelos olhares de cobiça que te acompanhavam na glória do Chado por volta das 6... Cuidado; não te vás agoriar comigo!

Na carta que estou acusando, tens uma admiração por nada dizer á cêrca da «Semana dos Artistas». Confesso, que, não era meu intuito tocar em tal assunto; Por varios motivos, a saber:

Opportunidade passada, Novidades que os diarios da capital transcreveram e que ha muito são do teu dominio e.

Por ter encontrado em mim a mais completa indiferença, salvo os motivos benemeritos que teve em vista.

Explico:

A união que acamaradou todos os nossos artistas para uma exhibição de varios misteres, não seria mais logico que se fizesse para nos dar b m teatro pelo qual tanto ansiávamos? Sim, porque nós não temos teatro. Os bons artistas que ainda temos, um estão na disponibilidade, outros chegam companhias e ainda outros (como Adelin Abranches) já estão metidos a custo num quadro de revista.

Quem se de crise, de falta do publico e não veem, eu fingem que não percebem, as verdadeiras causas!

O que se tem representado ultimamente entre nós, não é teatro. O conjunto é desastroso e a di-paridade é enorme. Um ou outro singra direito, mas, ao passo que os outros, minha filha, dançam o Charleston...

Lembras-te da reparição da Lucilia na mulher sem importancia de Oscar Wilde? Na anecdota de que havia em conhecermos o repertorio que fez as delicias da D. Amelia? Os autores de concebimentos fortes, tais como, Ibsen, Bataille, Bernstein, etc, nas formidaveis peças «Casa em ordem», «A Caselle», «A Magd» e «Fogueiras de S. João» nos des-truam a sensibilidade como seus arrancos bem tallados e vivos de verdade? Como tremias quando desciamos o Chado de volta da repriça da «Casa de bonecas»; toda tu vergavas ao peso do genio de Lucilia!

Tudo por fim se baralhou. O tablado e a plateia, os artistas e os espectadores, os bastidores e o proscenio. Tudo representou; até tu, que dias depois, estendida numa «chaise» com os nervos quebrados, me preguntavas o que teria acontecido á heroína da «Casa de bonecas», aquella mulher tão nobre, de sentimentos tão elevados, que deu todo o seu esforço para dar vida ao marido e que numas escassas 24 horas viu a deruição completa do seu sonho de mulher e de mãe no meio dum sofrimento espantoso: A fuga do lar imposta pelo marido, pelo mongel que se passou pela felicidade sem dar por tal.

Porque se não unem os nossos artistas? Sei lá! Ou por outra, sei. Tãas querem ser estrelas... e por este motivo Pirandello, os irmãos Quintero, etc, são quasi desconhecidos entre nós porque pulu a por ai tanto autor consagrado de Gargomilla...

Adeus. Perdoa o tempo que te reubei. Sou assim, vou atraz da frase e perco-me.

Uma saudação do teu primo e amigo.

Thiago Alexandrino de Pacheco
Conceição Lima.

Este jornal foi visado pela comissão de censura

O caso das bombas

No rapido de sexta-feira seguiram para Lisboa, acompanhados de quat o guardas da segurança publica, Custodio Pereira Netto, proprietario da quinta onde se fabricavam as bombas em Moncarapacho e João Mascarenhas Mendonga, tambem daquela aldeia, presos pela policia na quarta feira anterior, em casa de um parente do primeiro, em Santa Catarina da Fonte do Bspo.

No mesmo comboio seguiu tambem para Lisboa José Silva Leal, sapateiro, residente nas imediações de Loulé, que ha tempo vinha escrevendo cartas ao sr. Manuel Dias Sancho, ameaçando-o de morte se não collocasse em determinado sitio duzentos contos de reis.

MUNDANISMO

Partidas e chegadas

Regressou a Faro o illustre governador civil deste districto, sr. major Alexandre Paiva de Faria Leite Brandão.

Com sua esposa e filho está em Lisboa o sr. João Gaspar Ruivo, funcionario da divisão das Estradas deste districto. O sr. Ruivo foi subm. ter-se as provas de concurso para escriptorio de obras publicas.

Regressou a Faro com sua esposa o sr. Sotero Mendes Pinto.

Foi a Lisboa o sr. Pedro Machado.

De visita a seu pae partiu para Lisboa o comandante sr. Antonio Kamelho Ortigão

Com suas irmãs regressou a Faro o sr. Virgilio Martins Caiado.

Está em Lisboa com sua esposa o sr. dr. Henrique Borges.

Regressou de Lisboa com sua esposa o comandante da canhoneira Bengo sr. Andrade e Silva.

Esteve em Lisboa o comerciante desta cidade sr. Antonio Neves Pires.

Regressa a Faro na proxima semana o sr. Mario Lima, que ha mezes se encontra em Lagos como perito numa questão comercial.

Com sua esposa regressou de Lisboa o sr. Branco e Brito.

Retirou para Lisboa com sua esposa o sr. Lopo Vaz de Sampaio e Meilo.

Esteve em Lisboa o sr. dr. Alberto de Sousa, de S. Braz de Alportel.

Com pouca demora esteve nesta cidade o sr. Humberto Pacheco.

Casamentos

Pelo sr. Jayme Alvares Marques, de Silves, foi pedida em casamento para seu filho sr. Antonio Lourenço Marques, mademoiselle Clotilde dos Santos Thomé, filha da sr.ª D. Virginia Jacintho Thomé e do sr. Abelino dos Santos Thomé, daquela cidade.

Necrologia

Faleceu ante ontem nesta cidade o sr. João Basilio Correia, chefe de conservação aposentado, natural do Moncarapacho, pae do rev.º Manoel Basilio Correia e do falecido farmacêutico desta cidade Basilio Correia.

Faleceu nesta cidade o sr. José Antonio dos Reis, pae do sr. José dos Reis Que roz, caixa da casa bancaria Totta de Faro.

Fardamentos militares para o Exército e Marinha

Executam-se por ex-contramestre das principais alfaiatarias de Lisboa e Porto, garantindo-se o acabamento.

Elegancia e perfeição Alfaiataria «A Chic»

Rua de St.º Antonio, 16 — Faro

AUTOMOVEL

Vende-se em Loulé de marca N. S. U 7 lugares de 13/40 H. P. com pouco uso, e com todos os aperfeiçoamentos modernos. Tratar a J. P. Guerreiro Suc.

Quem quizer adquirir o novo modelo dos automoveis desta acreditada marca que tanta sensação tem alcançado no mundo automobilista dirija-se aos

1000
quilómetros
à hora
Travões
às
4 rodas



litros de gasolina
por cada 100
quilómetros
Enviem-se preços
e catalogos

representantes no Algarve:

CABEÇADAS & SANTOS, L. DA

O carro mais solido, mais elegante e mais barato

Rua Conselheiro Bivar FARO Avenida da Republica

HA 44 ANOS

DE "O DISTRICTO DE FARO"

De 28 de fevereiro de 1883

No domingo, ás cinco da manhã, uniu-se pelos laços conjugais na igreja matriz de S. Pedro, de Faro, o nosso estimavel amigo Joaquim Lopes do Rosario, representante da companhia fabril Singer, nesta cidade com a ex.ª sr.ª D. Doria dos Reis Fouseca, virtuosa menina, filha do nosso falecido patrio Joaquim Antonio da Fonseca.

Felicitando os noivos pelo seu auspicioso enlace, desejamos lhes todas as venturas de que os tornam credores as excelentes qualidades de que são dotados.

Folias dramaticas

«Os Madgyares». Conta já seis recitas a bonita zarzuela de D. Luiz Orens, traducção do actor Baptista Ferreira, com musica do insprado maestro D. Joaquim Gaztambide, instrumentada e ensaiada por Lagrange, habil regente da pequena orquestra da companhia dramaticas portuguesa.

Dificilmente se concebe como nos acanhados limites do palco e nas demais desfavoraveis condições do teatro barraca do Largo do Cel.º se possa pôr em scena, de modo a satisfizer cobalmente o publico, uma peça de tanto aparato e ao mesmo tempo tão mimosa como os «Madgyres». E entretanto a acroja da empresa conseguiu-o mediante o modo o dispen io de uma titella libras, apresentando scenario e factos inteiramente novos, e vendo eorados os seus esforços por uma enchente em cada noite de espectaculo.

Arrematação

1.ª publicação

No dia 26 de março proximo, pelas 13 horas, á porta do Tribunal desta comarca e nos autos de execução por custas que o M.º P.º move e ntra Maria da Conceição Modesto e outros, se ha-de pô em praça e arrematar a quem maior lance oferecer acimo do valor da avaliação, os seguintes bens: Quatro quintas partes em um predio de casas terras e um bocado de terra de semear, com dois oliveiros, no sitio des Vilarinhos, freguesia de São Braz, avaliadas em 1 440\$00

São por este citados quaesquer credores incertos e as despesas da praça e a contribuição de registro são por conta do arrematante.

Faro, 14 de fevereiro de 1928.

O Escrivão do 3.º officio,

Bernardo José Ferreira

Verifiquei.

O Juiz de Direito

Francisco Carlos Soares

O ALGARVE é o jornal mais antigo da provincia.

Um famoso astrologo

faz uma oferta notavel



Diz-lhe ha gratuitamente

O seu futuro será feliz, ditoso, afortunado? terá exito no casamento, em seus negocios,

ambições, desejos? quaes são os seus amigos e os seus inimigos? e muitos outros dados importantes que só a Astrologia pode revelar.

Nasceu sob a influencia da propria estrella?

Ramah, o celeb e Orientalista e Astrologo cujos estudos astrologicos e conselhos tem suscitado milhares de cartas de agradecimento do mundo inteiro, dará GRATUITAMENTE, a quem lha mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e a data exacta do nascimento, por meio do seu metodo incamparavel, uma analyse astrologica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoaes, encerra dados susceptiveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Os seus Conselhos Pessoaes tem o poder de mudar favoravelmente o transcurso de toda a sua vida. Escreva imediatamente e sem demora para seu proprio interesse, a RAMAH, folio 55 PL 44 Rue de Lisbonne, PARIS. Com 5\$00 para cobrir as despesas do correio, remessa, etc.

Franquia para Franca: Esc. 1\$60.

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Nos termos do § 4.º do artigo 695 do Odigo do Processo Civil, cita se por editos de trinta dias a legataria Maria da Conceição, filha de Manoel Custodio, suzente na Figueirita, Hespanha, para todos os termos até final do inventario orfanologico por obito de José Custodio, do Peral (S. Braz.

Faro, 28 de janeiro de 1928.

O escrivão do 3.º officio,

Bernardo José Ferreira

Verifiquei.

O Juiz de Direito

Francisco Carlos Soares

MARIO LYSER FRANCO

Advogado

RUA FERREIRA NETTO, 84

FARO

AGENCIA

Banco de Portugal

Dividendo de 31\$00 por acção

O pagamento deste dividendo, relativo ao 2.º semestre da 1927 caivo de impostos sobre a applicação de capitais e das duas avengas de selo de averbamento e contribuição de registro, decretos n.º 4692, 4748, 8719 e leis n.º 1368 e 1669, começou em 28 do corrente e continuará em todos os dias uteis.

O imposto sobre a applicação de capitais na importancia de 4\$39 por acção incide sobre todas as acções, quer averbadas ao portador, quer nominativas; a avenga de selo de averbamento na importancia de \$24 incide somente sobre as acções nominativas e a avenga de contribuição de registro de importancia de 1\$13 sobre as acções averbadas ao portador.

Nos recibos a pagar aos srs. accionistas figurará somente a importancia liquida, pagando-se por cada acção nominativa a quantia de 26\$40 e per cada acção averbada ao portador 25\$48.

Recomenda-se aos srs. Accionistas para regularidade de serviço, mencionarem os titulos averbados ao portador em relação separadas das dos titulos nominativos.

Pela Agencia do Banco de Portugal, em Faro

Os Agentes,

Fernando Teixeira de Azevedo
Francisco Victorino Santo

Farinhas e Semeas

Das fabricas
Moinhos Reunidos, L. da

SABOES

Da fabrica
Dias Ferreira, L. da

Optimas qualidades—Os melhores preços

Depositarios:

GRAÇA & MARTINS, L. DA

Rua Vasco da Gama, 81 — FARO

Editos de 30 dias

2.ª publicação

Para os devidos efeitos se annuncia que por este juizo e cartor. do 2.º officio, corre seus termos uma acção de divorcio litigoso com beneficio de assistencia judiciaria, requerido por Manuel José Guerreiro, de Faro, contra sua mulher Clotilde de Sousa Ribeiro, domestica, suzente em parte incerta; e nos mesmos autos correm editos de 30 dias citando a dita Clotilde de Sousa Ribeiro, para no prazo de 20 dias, passado que seja o prazo dos editos, contestar, querendo, a mesma acção, sob pena de revelio.

O escrivão do 2.º officio,
Anibal Valeriano Pinto Santos
Verifiquei: O Juiz de direito
Francisco Carlos Soares

Bom negocio

TRESPASSA-SE uma casa de bilhares, uma das melhores da provincia, por o seu dono não poder administrá-la. Nesta redacção se diz

Bivar & Gordinho Limitada

Exportadores de nozes e outros frutos estando aquelas em deposito para venda

MONO H. 1512